

ses que sempre se interpunham entre ela e a vida. As palavras, sim, eram as violadoras de tudo, essas frases feitas que sugavam a seiva das coisas vivas.

Aquele passeio com Clifford não lhe melhorou a situação. Havia entre ambos um constrangimento que procuravam ignorar.

De súbito, com toda a força do seu instinto de mulher, Constance o repeliu. Queria libertar-se dele e sobretudo do seu "eu", das suas frases, da obsessão que tinha por si mesmo, aquela obsessão infinita, monótona, mecânica.

A chuva recomeçara, mas dois dias depois, apesar do chuvisco intermitente, saiu de novo para a floresta. E dirigiu-se à cabana. Não estava frio o tempo, apesar de chuvoso, e da mata silenciosa fluía a impressão do inacessível.

Constance chegou à clareira! Ninguém! A cabana trancada. Sentou-se à soleira, sob o pórtico, e ficou a aquecer-se com o seu próprio calor. Olhava a chuva cair, escutando o apagado barulho das gotas e os estranhos suspiros do vento na folhagem — dum vento que não ventava. Carvalheiras veneráveis erguiam seus troncos, enegrecidos pelas chuvas, lançando para todos os lados a galharada audaciosa. O chão quase limpo, todo anêmonas e moitas espacejadas. As samambaias de folhas enferrujadas de velhice mal apareciam sob as cordas das anêmonas. Talvez aquele lugar fosse um sítio inviolado. Inviolado! O mundo inteiro está inviolado.

Coisas há que não podem ser violadas — uma lata de sardinhas, por exemplo. E há tantas mulheres assim. E tantos homens também. Mas a terra...

A chuva estiou. Mais claridade entre as carvalheiras. Constance queria ir-se, mas deixava-se ficar. Tinha frio. A invencível inércia do seu ressentimento íntimo a conservava em paralisia.

Inviolada! Ah! Uma criatura podia ser violada sem nunca ter sido tocada. Violada pelas frases mortais, que se tornam ignóbeis; e por idéias mortais, que se tornam obsedantes.

Um cachorro encharcado chegou de corrida, sem latir, apenas com a cauda em riste. Vestido num capote de encerrado negro, rebrilhante, o guarda o seguia, de rosto levemente afogueado, Constance notou leve vacilação em seus passos no momento em que a percebeu — e ergueu-se de

pé no pequenino espaço enxuto do pórtico. Mellors cumprimentou-a sem nada dizer e foi-se aproximando. Constance fez menção de retirar-se.

— Eu já ia indo, disse.

Mellors abordou-a em patoá, olhando mais para a cabana do que para ela.

— Não quis entrar?

— Não. Acolhi-me a este abrigo por instante, respondeu Constance com calma dignidade.

Olhou-a. Pareceu-lhe que estava com frio.

— Então Sir Clifford não tem outra chave?

— Não, mas não quer dizer nada. Este pórtico me chega. Até logo.

Constance teve ódio àquele excesso dialetal.

Mellors ficou a considerá-la atentamente enquanto a castelã se afastava. Depois abriu o capote e sacou do bolso a chave da cabana.

— Talvez seja melhor que a senhora fique com esta, gritou-lhe ele. Eu arranjaréi outro lugar para os faisões.

Constance voltou-se.

— Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que arranjaréi outra acomodação para os faisões. E quando a senhora vier aqui, não me verá rondar todo o tempo.

Constance olhou-o nos olhos, procurando compreender o que ele dizia naquele nevoeiro de dialeto.

— Por que não fala inglês como toda gente?

— Eu? Julgo que falo o inglês de toda gente.

A moça calou-se por um instante, irritada.

— Pois se quer a chave, leve-a hoje. Ou melhor, amanhã, depois de eu tirar tudo daqui. Não acha bom assim?

Constance irritava-se cada vez mais.

— Não quero a sua chave, respondeu. Não quero que tire nada. Não tenho nenhuma vontade de utilizar-me da cabana. Obrigada! Só quero sentar-me aqui por uns momentos, como hoje — mas tenho o pórtico e basta. Não falemos mais nisto.

Mellors olhou-a com os olhos maliciosos e disse ainda em dialeto: